

A criatividade multicultural nos trajes de cena “radicais” brasileiros

Rosane Muniz, doutoranda em Artes Cênicas (ECA / USP)

RESUMO:

A proposta do artigo é refletir sobre o uso de materiais alternativos na confecção de trajes de cena. Tomando como estudo de caso a representação brasileira na Mostra Figurinos Radicais (Extreme Costume), da Quadrienal de Praga 2011, diversas reflexões são geradas a partir da análise dos projetos inscritos e dos trajes escolhidos para a exposição internacional.

PALAVRAS-CHAVE: figurinos, reciclagem, Quadrienal de Praga

ABSTRACT:

The main purpose of this article is to reflect about the use of alternative materials in the making of a costume for the scene. Taking as a case the Brazilian representation at the Extreme Costume Project, on the Prague Quadrennial 2011, a number of reflections can be born from the analysis of the inscribed projects and the chosen costumes for the international exhibition.

KEY-WORDS: costumes, recycling, Prague Quadrennial

A curadoria internacional

Abrindo um espaço exclusivo para reflexões sobre o traje de cena, ocorre pela primeira vez, na Quadrienal de Praga, o projeto Figurinos Radicais – tradução da curadoria brasileira para o projeto Extreme Costume. A proposta da curadora tcheca Simona Rybakova surge como projeto paralelo da Mostra Nacional, abrigando exposição de trajes, vídeos e fotos, assim como encontros, apresentações e discussões sobre o tema, no Espaço ArtMinus Cinema, do Palácio Veletrzni.

Os figurinos expostos foram usados no teatro – como parte dos componentes da performance e/ou das artes visuais – como objetos, elementos de ação ou ambientação, e participaram de apresentações ao vivo, tendo sido “habitados” originalmente por um homem ou um boneco. Trajes de encenações são apresentados de forma que possam “falar por eles mesmos”, retirados do seu contexto original e olhados em close-up como uma arte autônoma com qualidades individuais.

O foco no material não objetiva apresentar os elementos mais inovadores, mas encará-lo como meio, para refletir sobre seu uso e significado no âmbito da performance. Os “novos” materiais incluem como figurino qualquer objeto além dos tradicionais tecidos – como fibras nano ou papel biodegradável –, bem como metais especiais, plástico ou mesmo a luz. “Radicais | Extreme” quer dizer: diferente, outro, fora do comum, ousado, inesperado, surpreendente, preciso, cósmico, virtual, intocável, degradável, brilhante, dolorido, doloroso, voador, extravagante, detestável, nojento, deformado – entre outras acepções.

Cada país foi convidado a propor até cinco figurinos e artistas, com projetos realizados entre 2005 e 2010, para compor a mostra de cerca de trinta trajes, escolhidos pela curadoria internacional.

A curadoria nacional

A ambição da equipe curatorial nacional, coordenada pelo curador geral Antonio Grassi, foi que não só nessa exposição, mas nas outras três que o Brasil participa (Nacional, Arquitetura e Escolas) conseguíssemos ter uma visão plural do trabalho que está sendo feito no país. O interesse não era o portfolial, com a presença de grandes nomes, mas cada projeto, cada processo criativo, seja ele de um iniciante ou de um experiente na área, desde que de acordo com o conceito desenvolvido para cada uma das Mostras.

O Projeto Figurinos Radicais foi o primeiro a ser desenvolvido por nossa equipe curatorial, pelo prazo das inscrições, que era no final de junho de 2010. E apesar de termos pouco tempo para divulgação – da decisão de realizar o projeto até o envio dos trabalhos escolhidos tínhamos cerca de somente vinte dias – decidimos

embarcar na ideia. Tínhamos um mailing de cenógrafos, figurinistas e seguidores de diversos sites relacionados à área cenográfica e de organizações como a OISTATBr (Centro Brasileiro da Organização Internacional de Cenógrafos, Técnicos e Arquitetos Teatrais), representante brasileira na Quadrienal de Praga. Além das inscrições espontâneas, pesquisamos projetos para convites pontuais. E qual foi nosso caminho nessa exposição? Seguir a indicação da curadoria internacional na busca do uso de figurinos e trajes com “materiais radicais, usos radicais, relações radicais, provocações extremistas.”

O projeto Figurinos Radicais foi acolhido no Brasil com intensa receptividade. Mesmo com prazo curto de cerca de vinte dias para divulgação e inscrições, a participação brasileira surpreendeu. Foram inscritos 97 projetos de 47 artistas, vindos do interior e da capital de cinco estados, incluindo duas brasileiras que vivem em Berlim e enviaram seus trabalhos. O Brasil é o país com a maior representação na Mostra Internacional, com quatro dos vinte e nove trajes que fazem parte da exposição.

O processo de inscrição no Brasil foi aberto seguindo os critérios internacionais propostos. A divulgação foi realizada nas redes e fóruns sociais, nos sites das áreas relacionadas e no envio de e-mails a um mailing específico. Além de inscrição espontânea, foi realizada pesquisa e convite a artistas com trabalhos que a curadoria entendeu como de interesse do projeto. Foram inscritos projetos para teatro, cinema, dança, performance, instalação, desfile de moda, show musical, teatro de animação, circo e TV.

Os projetos

Separamos alguns desses projetos, levantando algumas questões para usarmos no debate a seguir.

O figurinista e ator Daniel Infantini¹ inscreveu alguns figurinos de sua autoria. Em ***A culpa é da ciência?***, com composições de cena inspiradas nas obras de Magritti, seres resultantes da tecnologia moderna se vestem com plástico, plástico bolha, lona, nylon, arame, elástico, fita adesiva, durex, band-aid, micropore, luz led. Componentes internos de computador e restos de eletro-eletrônicos formam a cabeça cibernética nesse espetáculo da Cia de Teatro Núcleo Arte Ciência no Palco, a primeira companhia de teatro profissional no Brasil a investigar continuamente as relações da arte e da ciência. O figurino usa do material questionado no contexto da cena, ajudando na discussão das relações humanas em uma sociedade submetida à dependência tecnológica no seu cotidiano.

Outro traje do mesmo figurinista é o de ***Rebimboca & Parafuseta***, espetáculo infantil que traz um cenotécnico se preparando para descansar em vista da estreia do dia seguinte e é surpreendido pelos personagens que surgem de sua caixa de

ferramentas e querem representar, assim como ele, que desejava ser ator. As personagens saem de uma caixa de ferramentas do pintor Miró e usam figurinos feitos de tela de proteção de construção civil, rondex, isopor, saco de limão e entretela. É praticamente uma tradição que todo teatro tenha um pipoqueiro na sua porta, e por este motivo, destacamos aqui o colete feito de pipoca, que traz o elemento orgânico no traje.

Outro exemplo interessante do uso do orgânico no traje é a pesquisa de Marina Reis² com a **cabeça antropofágica**, em uma peruca feita de verduras como folhas de alface, mas que não participou desse edital dos Figurinos Radicais, pois é de 1999. Ou ainda o traje de casca de ovos e folhas de ouro para o espetáculo de dança **Olho**, de 2011.

Seguindo na citação ao orgânico, a performance **Devoração**, de Ricardo Marinelli, de 2008, usa a carne como figurino (antes de Lady Gaga no prêmio MTV de 2010) e faz uma experimentação que é uma continuação da performance com massa e plástico amarelo de Elisabete Finger³, em **Amarelo**, do ano anterior. A intenção dos dois artistas é a “busca de uma experiência sensorial entre massa, pele, plástico, espinhos, goiabada; entre toque, gosto, cheiro. As formas e imagens geradas nessa experiência não são uma conclusão, mas um evento. Elas surgiram na prática e se tornaram o princípio ativo de uma trajetória: a contingência do fazer, desmanchar, transformar... Um convite ao outro que observa o performer: para uma imagem é preciso ser dois“, segundo revela a performer.



Final #01 – Hedra Rockenbach e Karin Serafin

Um traje que se constrói ao longo da cena e que depende do outro para se transformar é o vestido de acrílico do grupo de dança Cena 11, de Karin Serafin⁴ e Hedra Rockenbach⁵. O figurino **Final#01** foi um dos escolhidos para compor a exposição Figurinos Radicais. Ele tem a dupla funcionalidade de ajudar a bailarina a estourar seis balões por meio dos seus espetos, enquanto se protege das “balas-paintball” que finalizam o espetáculo. Foi originalmente criado com objetivos estéticos para permitir a relação de movimento entre a bailarina e os sistemas de interfaces físicas / digitais, proporcionar o envolvimento do público no ambiente de jogo – pois são eles que ativam as “balas-paintball” a partir do sensor ótico – e para desempenhar táticas de sobrevivência. Gerado a partir de protótipos em papelão, o traje resultou sendo de policarbonato 3 mm rebitado que, por sua transparência, permite reconfigurar o nu e o próprio figurino que vai sendo pintado pelas rajadas de tinta rosa que escorrem pelo cone.

Pensando sobre a ação do ator no manuseio ao traje e a interação com o público, uma outra criação é o vestido com barril de Cássia Monteiro para a personagem Espantanuvens, a taberneira, em **La careta que cae**, adaptação para *Los títeres de Cachiporra* de Garcia Lorca. Sob os preceitos do surrealismo de Lorca o figurino insere na silhueta da taberneira, diversas formas de barris de vinho de modo que saia do próprio personagem todo o vinho que ela deve servir. O líquido esguicha dos “seios” da atriz, em um traje feito de papelão, couro e arame, com seringas e tubos de plástico internos que altera e interfere na forma do corpo da atriz.

Alterando a forma do corpo, os figurinos e elementos de cena do espetáculo de dança **Um porco sentado** provoca o senso de deformação inspirado nas obras do irlandês Francis Bacon e na crueza das fotos do inglês John Deakin. A rapidez de criação de diferentes cenas parece querer provocar um diálogo sobre o bombardeio de imagens e informação da atualidade. A proposta do performer Roberto Alencar é criar uma dança-instalação.

Quase uma instalação é o traje da personagem 3 Engrenagens, do espetáculo **Tic Tac**. Segundos antes da virada de Ano Novo, os dois principais ponteiros do Big Ben, em Londres, emperram e começa uma grande aventura no interior do relógio para descobrir o problema. O conceito desenvolvido para os figurinos parte da própria estrutura de um relógio, no qual várias peças trabalham em conjunto, readequando-se segundo cada função. Todos os figurinos empregam elementos modulares que se transformam conforme seu manuseio. Nesse traje, a figurinista Marina Reis, já citada e escolhida para a Mostras Figurinos Radicais com outro traje, revela que “faz uso de fichários de papel pardo e tecido, que são primeiramente utilizados fechados, e depois abertos, revelando as sanfonas do papel, que mimetizam os dentes de uma engrenagem e dão movimento ao figurino no corpo do ator”.



Três engrenagens – Marina Reis

A pesquisa da figurinista e professora Helô Cardoso é voltada para materiais diferenciados, principalmente fibras brasileiras. Para o espetáculo **Nó das águas** ela criou a sobreposição de uma segunda pele de aplicações de folhas secas e capim cheiroso, com uma túnica tecida com fibras de bananeira, palha da costa, fios e tecidos, que dialogam com a base do cenário, que também é transformado e manipulado pelo ator.

E tratando o figurino como um experimento do ator, a atriz Giorgia Conceição criou um traje para o espetáculo **Technomaravilha**, que resulta da bricolagem de temas recombinados e recodificados pelo uso de materiais comuns e incomuns: brasilidade, ícones femininos brasileiros (Carmen Miranda, Elke Maravilha, Luz del Fuego), música brasileira de massa (Funk, Technobrega) e dominação são transcriados através de tecidos, mistura de apliques de cabelo, folha, glitter, elástico, plástico. O vestido retirado se transforma e revela o corpo apenas com um “biquíni” - vibrador borboleta, que possui controle remoto, entregue por Giorgia ao público. A plateia interage com o movimento da artista acionando ou desligando o objeto. O movimento trabalhado foi uma das descobertas da atriz durante o processo de Simpatia Full Time, que as artistas nomearam de Shaking Body, ou simplesmente Shake: consiste em colocar partes do corpo em movimento rítmico para que ele chacoalhe, alternando partes e/ou acionando várias delas ao mesmo tempo de acordo com a música. Tudo sobre o corpo é considerado figurino. A ação foi construída após a imagem e escolha dos materiais, sendo completamente dependente deles. Giorgia “desenvolve trabalhos nos quais a visualidade, a sensorialidade e as relações entre obra e público exercem papel preponderante na construção e multiplicação dos sentidos.

Outro exemplo no qual a ação não só depende do material, mas é o próprio material, pode ser vista na performance **Melancolia**, de Maurício lanes. Vestindo um capuz inteiro bordado com longas franjas de cristais, contas e pedras pretas, de comprimentos entre dois e dez metros, que cobria totalmente a sua cabeça e rosto, lanes se colocou em pontos estratégicos da Galeria Vermelho, vestindo um conjunto de calça e camiseta pretas. Durante quatro dias, ele permanecia estático uma hora por dia, percorrendo o espaço expositivo de forma ascendente. Contrabalançado pelo peso do capuz que, perdendo apoio conforme o artista se distanciava do solo, a cada nível ficava mais e mais pesado, puxando a cabeça do artista e todo o seu corpo de volta para o chão, tornando a cada dia a tentativa de movimento ascendente mais difícil.

Leo Fressato⁶ criou o **Figurino Penetrante**, presente na Mostra Figurinos Radicais. Um traje que não apenas compõe visualmente a cena, mas a altera e dá a ela um



Figurino Penetrante – Leo Fressato

novo significado. O gelo, por si só, é um material muito interessante cenicamente graças a sua plasticidade (transparência, reflexão etc.), além de possuir uma importante “capacidade performática”, já que gera alterações imediatas nos espectadores, que não conseguem ficar inertes ao ver alguém com o corpo coberto de gelo. As alterações também se dão no próprio performer, que não só está sendo transformado fisicamente pelo figurino em si,

mas é alterado pela “capacidade penetrante” do frio que o modifica psicológica e metabolicamente: dor, aceleração da fala, frio, descontrole da respiração, agonia, ação, inação. Segundo Fressato, essa é uma pesquisa sobre dor e melancolia, com figurinos feitos de um elemento extremamente abundante no Brasil, mas em vias de escassez no mundo: a água, que altera “o que é vivo, ao vivo.” Trajes produzidos: tamancos, sutiã e adereços (colares, pulseiras etc.).

Outro traje que se desmancha em cena é o quimono de papel manteiga feito para o solo **Sopro**, do ator Carlos Simioni, do Lume Teatro, dirigido pelo japonês Tadashi Endo, bailarino e coreógrafo de Butô. O figurino criado por Adelvane Néia se desfaz no contato com o suor do ator e, como um material vivo, reage aos movimentos do corpo e produz ruídos no contato com o chão do palco. Cada conjunto consome 17 metros de papel e, pela fragilidade de seu material, é usado um quimono por apresentação.

Também de papel é o figurino Caligrafia, de Sonia Ushiana, para a abertura da peça **Taniko**, realizada no Teatro Oficina. Esta roupa foi confeccionada utilizando papel Shodo (arte da caligrafia japonesa), colados em uma base de TNT. Mede cerca de 5 metros de comprimento e vai sendo pintado pelo ator ao longo da cena.

O manuseio do traje pelo ator, com o uso da luz, é o que fez Carina Casuscelli⁷ em **Doutor Faustus Liga a Luz**, narrativa dramática da escritora modernista norte-americana Gertrude Stein sobre o tema “Fausto”. Apropriando-se da ideia de que Fausto vendeu sua alma em troca da invenção da luz elétrica, a luz cênica com foco no corpo dos atores é acionada por dispositivos acoplados aos figurinos. Há manipulação da luva confeccionada com leds, controlando a intensidade da luz e o seu tempo de duração, golas com leds, acessórios para cabeça e outros dispositivos utilizando materiais tecnológicos (fios e leds) e natural (algodão).

Outro traje que usa a luz manipulada pelo ator é o de Desirée Bastos⁸, em **Cena para um figurino 1**, que faz parte da Mostra Figurinos Radicais. Seu experimento consiste em instaurar um jogo e propor uma possibilidade de multiplicação e de redimensionamento do espaço a partir da veste. Sua concepção foi apoiada nos atos dadaístas das ressignificações e nas teorias de Oskar Schlemmer e Tadeusz Kantor. O figurino utiliza objetos (chaves, buracos de fechaduras, maçanetas, buracos metálicos, câmera fotográfica, mãos de manequim, cúpula de abajur, caixa de papelão florida, papéis de rascunho) transformados em um corpo artificial, que possui mecanismos próprios e a própria música e luz. O figurino foi criado, antes de tudo, como uma improvisação das possibilidades que a interação do ator com o figurino proporciona. A autoria engloba todas as funções. O experimento foi realizado na Quadrienal de Praga, no projeto *Street Stories*.

Opções de materiais diferentes em usos inusitados vieram em vários trabalhos inscritos. Um deles foi a coleção **Specular**, desenvolvida por Luana Jardim, em 2007, como projeto final de graduação do curso de Design de Moda, inspirada no

seu pai, que trabalha com mineração. O desfile tem como conceito principal a matéria prima (minério de ferro) ao produto elaborado (aço), sendo composto por quinze *looks* que mostram a plasticidade desses materiais.

O figurino criado por Andréa dos Santos-Cornelius⁹ para os soldados de ***O Shuhu e a princesa voadora*** foi concebido com a ideia do lixo, porque toda a concepção e interpretação do texto foi baseada na crítica à sociedade de consumo e na manipulação política, hoje dominada pelos Lobbies das grandes empresas. O povo, neste caso, os soldados, consome todo o lixo produzido pelos dominadores, e assim, também se transformam em lixo. Estes figurinos são basicamente casacos ou jaquetas, feitas de juta e sacos de lixo, adornados com garrafas de plástico e restos de material de embalagens, ornados e colados com fitas de empacotamento.

E ao falar do uso do lixo como material para o traje, chegamos ao quarto figurino presente na Mostra Figurinos Radicais, que é o Parangolixoluxo2, de Marina Reis, criado para a performance ***Homem e mulher refluxo***, de Peri Pane. Os performers passaram sete dias acumulando o lixo inorgânico que utilizavam: garrafas, papéis, vidros, embalagens em geral. As duas capas plásticas, com 43 bolsos de tamanhos variados, armazenam os lixos inorgânicos individual e comum do casal em bolsos separados ou ligados. “A ideia da experiência foi lançar um olhar diferente sobre a produção industrial e o consumo desmedido de resíduos sólidos a partir da menor célula da sociedade: o indivíduo”. Em 2009, a convite do Napoli Festival Itália, a performance aconteceu na Itália e em 2011, em São Paulo, durante o projeto Virada Sustentável, entre outros. O performer mantém o projeto no site <http://www.homemrefluxo.com>.

Marina Reis também participou de outra performance que usou o lixo como tema. Sua criação para este traje duplo das duas irmãs siamesas, ***Xifópagas***. A performance foi feita na inauguração da Praça Victor Civita, na Rua do Sumidouro, bairro de Pinheiros, zona oeste de São Paulo. O terreno de 13.648 m² que a abriga encontra-se contaminado por metais pesados, além de outras substâncias tóxicas, resultantes da queima de resíduos domiciliares e hospitalares realizada no local entre os anos de 1949 e 1989. Cerca de 200 toneladas de lixo eram processadas diariamente no local, em duas câmaras de combustão. Hoje, após a reforma, a praça virou um local de atividades de lazer, esporte e arte para a comunidade. Esta performance aborda temas como as diferenças sociais, levando em consideração a problemática de espaços públicos e o respeito ao outro, bem como a preservação do meio ambiente, partindo da ideia que nossos atos refletem diretamente na vida de outras pessoas, e no caso delas, bem próximas. O traje é um corpete duplo, feito com plástico, papéis de revista, jornal e embalagens; saia de tule; cabelos de canos de borracha para encapar fios; luvas e meias de papel de revista e plástico.

O uso poético do material reciclado também é tema na realidade de Dalva, menina de rua de 13 anos, catadora de lixo, que traz também o "sonho de ser bailarina"

nesse Brasil de tantas danças. No espetáculo solo de dança, teatro e circo **Valsa do Desassossego**, sobre uma "Saia de Armação" feita de conduíte, arame, barbante e tela de mosquiteiro, Larissa Turtelli¹⁰ coloca outras saias. Essa saia de base remete aos "tutus" das bailarinas clássicas. Um "tutu" alquebrado, nascido do lixo. A "Saia de Lixo" é feita de embalagens de saquinhos de bolachas e salgadinhos cortadas e costuradas sobre uma base feita de sacos de areia (sacos de ráfia). A "Saia de lansã", protetora e força da personagem Dalva, feita de sacos de cebola. Acompanha a saia de lansã um remo no qual são presos os objetos das várias histórias de vida da personagem e uma espadinha de madeira. No final do espetáculo, Dalva dança sua própria morte, e realiza seu sonho de bailarina, transformando-se em um cisne gente, lutador, sonhador, viverdor, ao som do ballet *A Morte do Cisne*.

Trajes criados com simplicidade pelos performers Cleverson Tavares e Pablo Mack também fizeram parte dos projetos inscritos na etapa brasileira da Mostra Figurinos Radicais. Tavares se inspirou nos bonecos do folclore de Taubaté (SP), "Maria Angú" e "João Paulino", um casal nada simpático que persegue crianças durante a festa do folclore local, para criar **Fiinho**, um boneco de jegue, feito de tecido e manipulado pelo ator para simular dois personagens no contato com as crianças. E Mack criou **Pirulim**, que fez de seu próprio figurino sua identificação e ao qual, a cada dia, vão se agregando elementos que ele encontra e resolve costurar na sua roupa feita de restos de retalhos, lapelas, tapete de retalhos, pompons de fios de lã, lacres de refrigerante, cadarços, sapatos pintados a mão.

Outro tipo de criação foram os trajes da figurinista e carnavalesca Rosa Magalhães para a abertura dos **Jogos Pan-Americanos** de 2007, no Rio de Janeiro. Rosa enviou várias criações, entre elas, Folhagem, feito com armação de arame, nylon forrado com espuma e tinta PVC, e Raízes do Pântano, com estrutura em arame, feltro, paetê e malha.

Para finalizar a apresentação, alguns projetos não selecionados para a Mostra Figurinos Radicais, mas que, como parte do banco de dados de nossa curadoria, foram selecionados para a Mostra Nacional, por estarem de acordo com o conceito da exposição. Foram eles, Luciana Buarque, com **Hoje é dia de Maria** e o traje de Alonsa, inspirado em uma catadora de lixo; Daniele Geammal, com **A chegada de Lampião no inferno** e o uso do barro e da cultura do imaginário do homem do sertão brasileiro; e Cris Bierrenbach, com **Vale 1 real** e seu traje baseado na roupa/parangolé criada pelo artista brasileiro Hélio Oiticica (1937-1980), um dos pioneiros em propor a participação ativa do público em sua obra. A performer se paramenta com cerca de 200 saquinhos de balas, similares aos oferecidos por vendedores ambulantes nos semáforos da cidade. Os saquinhos são a moeda de troca entre a artista e o público, com o intuito de ativar o espaço de performance, já que, em cada embalagem, há uma mensagem em troca de uma pequena ação performática que é desenvolvida pelo público. As ações realizadas são registradas

pela artista e fotógrafa e passam a compor suas pesquisas sobre o registro fotográfico de projetos que dependem da participação do público. A predisposição ao imprevisível evidencia o quanto se mantém vivas, no espectador contemporâneo, as respostas que Oiticica desejava provocar.

Conclusão

Várias são as reflexões a partir dos exemplos citados: material que contextualiza a ação; uso do orgânico em cena; inesperados materiais; itens de uso diário recontextualizados; trajes que vão sumindo em cena; indumentárias que vão sendo construídas durante o espetáculo; figurinos criados como experimentos do próprio ator; roupas que questionam as formas e gêneros; trajes que se transformam com o uso da luz ou manuseio do próprio ator; uso do inorgânico descartável reutilizado e reapropriado na cena; entre outros.

A criatividade brasileira revela as inquietudes de um artista que é ousado na busca do novo. Mas não um novo pela forma, e sim nas releituras de si mesmo, conscientes/inconscientes de novas experimentações, na busca conceitual de revalorizações. Muitas vezes restringido por fronteiras de tempo e/ou recursos, o figurinista brasileiro se reinventa constantemente. Sem medo de errar.

Bibliografia

Material enviado para a seleção de trajes para o Projeto Figurinos Radicais, parte da Mostra Nacional na Quadrienal de Praga 2011. Os trechos entre aspas correspondem às citações dos próprios criadores dos trajes, em seus textos enviados.

www.marinareis.com

<http://www.arteciencianopalco.com.br/>

Equipe curatorial (Júri do projeto Figurinos Radicais)

Curador | Antonio Grassi

Curadores adjuntos Mostra Nacional | Ronald Teixeira e Aby Cohen

Curadora adjunta Mostra Figurino Radical | Rosane Muniz

Curadores adjuntos Mostra das Escolas | Fausto Viana e Adriana Vaz Ramos

¹ Daniel Infantini é formado pela Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (EAD / ECA / USP), integrante da cia Teatro da Gioconda desde 2000, além de produtor e coordenador do Projeto Ponto de Cultura – Casa da Gioconda, no bairro do Bixiga em São Paulo.

² Marina Reis é artista visual, figurinista, aderecista e visagista, formada em Artes Plásticas pela UNICAMP e pós-graduada em Desenho de Moda e Criação pela Faculdade Santa Marcelina. Fez cursos de especialização como Body Art, Teatro-Ritual Kathakali (Cochin, Índia) e Experimental Jewellery na Saint Martin College of Art & Design (Londres). Desde 1998, desenvolve trabalhos na área, como Mídia Ka, de Renato Cohen e o espetáculo BR3 do Teatro da Vertigem. Ganhou o 11º.

Prêmio Avon Color de Maquiagem (2005) e recebeu o Prêmio de Melhor Figurino Coca Cola-Femsa (2006 e 2008).

³ Gorgia Conceição é intérprete-criadora, estudou na França, onde realizou pesquisas durante a Formação Essais, no CNDC de Angers-FR, no início de 2006. O processo de pesquisa teve continuidade em Paris e Lisboa e em um período intenso de experimentações com a colaboração da coreógrafa e bailarina portuguesa Joana von Mayer Trindade, durante o mês de janeiro/2007, em residência junto a Nulsis ZoBoP e ao Fórum Dança, em Portugal. Este projeto faz parte do Programa Rumos Itaú Cultural Dança - 2006/2007, e contou também com o apoio do Ministério da Cultura – Programa de Difusão Cultural, para a residência artística realizada em Portugal.

⁴ Karin Serafin integra o Grupo Cena 11 Cia. de Dança, de Florianópolis, como Bailarina e Diretora desde 1992, participando de todas as produções e apresentações da companhia. Em 1997, assume a função de Figurinista. Graduada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina, atualmente cursa Consultoria e Moda, no SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Possui registro profissional de Artista, nas funções Bailarino e Maître de Ballet.

⁵ Hedra Rockenbach é integrante do Grupo Cena 11 Cia. de Dança desde 1995, a Musicista, Diretora de Arte e Coordenadora de Montagem acompanha o processo de montagem de todos os espetáculos, colaborando com a pesquisa, criação e execução de projetos cenográficos, sonoros e de figurino de acordo com a tecnologia utilizada nos espetáculos da companhia. Produtora musical, dedica-se recentemente a criar ambientações sonoras para espetáculos teatrais.

⁶ Leo Fressato é Bacharel em Direção Teatral pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP) e pós graduado em Comunicação Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Trabalha como ator, cantor, compositor, diretor (cênico e musical), humorista e performer. Seus trabalhos autorais como compositor e dramaturgo são, de certa forma, sempre uma conversa sobre amor, dentro da qual aspira promover um encontro "entre artes" (música, teatro e artes visuais) para a estruturação da obra artística.

⁷ Carina Casuscelli é uma pesquisadora. Está sempre viajando para Itália para desenvolver pesquisas e realizar trabalhos voltados para moda e figurinos participando, inclusive, do Sannio Film Fest, festival dedicado somente a figurinos e cenografia para cinema. Os trabalhos da Cia. Nova de Teatro têm um forte apelo visual e os figurinos tem um papel fundamental. Carina, além de assinar todos os figurinos, tem um projeto com as diferenças dos corpos, coordenando o projeto Multimídia Sinais, que recentemente fez o desfile da Grife a Moda está em Baixa, no teatro Comune.

⁸ Desirée Bastos é cenógrafa e figurinista paulista, mas mudou-se aos 18 anos para o Rio de Janeiro, onde estudou Indumentária e Cenografia na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ). Lá concluiu também seu mestrado, e atualmente ocupa o cargo de professora assistente. Estreou no circuito profissional de teatro em 2005. Desde então, vem desenvolvendo cenografia e figurino para diversas áreas, tais como teatro, ópera, balé e dança contemporânea. Em 2009, ao lado da atriz Suzana Nascimento, fundou a Pequenasgrandecia de teatro.

⁹ Andréa dos Santos-Cornelius, nascida no Rio de Janeiro, há dez anos residente na Alemanha. Diploma de Técnico em Estilismo pelo Cenai-Cetiqt, Bacharelado em Belas Artes, com ênfase em Cenografia, Curso de Mestrado em Design para Teatro na City University of New York. No Brasil atuou como Designer-assistente de Ronald Teixeira e de Rosa Magalhães. Foi Professora-assistente de Cenografia básica na Escola de Belas Artes da UFRJ. Em Nova York, desenhou cenários e figurinos para produções universitárias e uma peça off-off-Broadway e foi assistente do Cenógrafo e Figurinista John Scheffler. Na Alemanha, lecionou na Faculdade da Frísia Oriental e trabalha atualmente com o grupo do Theaterlabor Bremen.

¹⁰ A bailarina-pesquisadora-intérprete Larissa Turtelli confeccionou os figurinos criados em parceria com Graziela Rodrigues e Márcio Tadeu.